

Healing

Gostaríamos de entrar mais profundamente na área do *healing*. Já falamos disso quando tratamos dos níveis que estão além do pensamento, da meditação e da quietude. Algumas vezes você disse algo como ‘em toda mudança verdadeira, o *healing* está envolvido’, ou ‘não pode haver mudança sem que haja *healing*’. Vemos que o *healing* está em tudo que falamos antes, mas ainda pergunto: Qual o seu real significado? Qual é o papel desempenhado pelas qualidades numa situação de *healing*?

Eu concordo, acho que já tocamos nessa questão. No meu entendimento, o *healing* tem a ver com permitir que seus sentimentos se expressem. Assim, você estará trazendo suas qualidades para este mundo físico, como exemplo da sua conexão com um nível que você não pode normalmente explicar, como a quietude na meditação. Ao ministrar o *healing* a uma pessoa, ao nos mesclarmos com aquele nível, estamos dando a essa pessoa um incentivo, algo que pode ajudá-la a se dar conta de sua própria conexão com aquele nível de profundidade. Isso não envolve necessariamente o uso das nossas mãos, mas envolve paciência. Ao tentar ajudar as pessoas a reconhecer seu próprio valor, sua relação com a luz e o que isto significa para elas, por exemplo, no sentido de não fazer uma separação interna entre o que é superficial e o que é profundo, precisamos de muita paciência.

As qualidades, no meu modo de ver, são o que nós construímos, o que deixamos crescer dentro de nós, que diz respeito à nossa aceitação da vida, à nossa maneira de responder à vida ao longo das diferentes reencarnações. Elas estão ali o tempo todo, não só quando estamos trabalhando com o *healing* num contexto individual, de pessoa para pessoa. Quando são usadas conscientemente, temos a tarefa de expressar o que é uma qualidade, e isso pode ajudar a levar qualquer pessoa a experimentar uma alegria mais verdadeira.

Numa situação de *healing* o que acontece é que você se coloca numa posição em que se torna possível dar a alguém – porque essa pessoa buscou – uma relação maior com o vivenciar em profundidade, uma profundidade com a qual você já se relacionou.

A palavra *healing* parece ter usos diversos. Algumas vezes ela se refere a um processo ou uma aprendizagem, pelos quais podemos atingir um contato mais forte com as nossas qualidades. Outras vezes, ela se refere ao que acontece quando se chega a um ponto de percepção ou clareza. Assim se poderia dizer: precisamos do *healing* para que possamos receber um *healing*. Parecem duas etapas do mesmo processo, mas talvez estejam tão ligados que não podem ser separados. Como você vê isso?

Vejamos o termo *healing*. O que realmente significa? Em inglês, é corrigir algo que estava errado. Por isso, seja qual for o ponto de vista, se entendido como um processo que nos leva a algum ponto, ou se percebido como o próprio ponto, trata-se de fato da mesma coisa.

Se vamos ajudar alguém, temos que ter algo dentro de nós que possa lhe ser útil. Mas não se pode dizer 'agora eu vou curar você', porque neste encontro, a pessoa também tem que fazer a sua parte. O simples fato de algo ser considerado errado, visto como um problema, significa que a pessoa criou isso em algum momento e de alguma forma. Portanto, temos que ajudá-la a entender que algo que ela está fazendo está gerando as condições que ela quer tratar com o *healing*. Ela precisa fazer a sua parte. O *healing*, portanto, é o processo de comunicação entre as pessoas, no qual vários níveis são envolvidos.

Eu não estou falando só de doenças físicas. A doença física pode estar lá, mas para mim, o valor do *healing* está em tornar possível reconhecer a causa por trás do problema físico. Usando os instrumentos de que dispomos, seja o nosso olhar, seja a intuição ligada às nossas qualidades, podemos ajudar a pessoa a dirigir sua atenção para a causa. Isso pode levar tempo, pode exigir repetição, talvez demande vários encontros, já que só funciona por meio dos sentimentos: não envolve uma técnica. Desenvolver as habilidades de *healing* significa aprender mais sobre as pessoas, e não sobre uma técnica. Assim, fazer uso das qualidades é, na verdade, fazer uso dos sentimentos que temos pela pessoa, para dar a ela a oportunidade de intensificar o contato com as suas próprias qualidades. Portanto, temos uma combinação acontecendo e esta é a forma como eu vejo este processo.

Ao propiciar o *healing* a alguém, eu às vezes entro num lugar de equilíbrio entre 'saber' e 'não saber'. É difícil descrever o que acontece. Eu chamo de 'equilíbrio' porque sinto que acontece quando eu me abro para um nível mais profundo. Quando há esta conexão, alguma coisa essencial emerge para mim, e não só para a outra pessoa. É assim, o próprio estado de equilíbrio atrai uma condição de equilíbrio no outro?

Acho que tem muita coisa envolvida na interação entre as pessoas. Se alguém o procura para um *healing* e é verdadeiro sobre o que necessita, se realmente essa pessoa quer ter um contato com o *healing*, ela estará aberta para receber de você o que você pode dar. Talvez ela não entenda muito a respeito, mas está aberta. Quando isto acontece, você é colocado pela pessoa num lugar de autoridade e assim ela permite que o seu campo de energia como um todo a envolva. Acho que muita gente esquece que, quando pedimos ajuda a uma pessoa, estamos permitindo que a energia dela nos envolva. Isso acontece em todos os tipos de situação. Numa operação no hospital, a energia do médico, do cirurgião, envolve o paciente. Quando duas pessoas estão conversando e existe uma combinação entre elas, sempre ocorre uma fusão de seus campos energéticos. Quando lançamos mão do *healing*, a nossa energia de *healers* também envolve a outra pessoa.

Tem que haver em nós um equilíbrio interno que permita que se estabeleça com a outra pessoa uma atração, não superficial, mas naquele nível mais profundo que é onde ela também está buscando algo. Num nível profundo, todos estamos tentando voltar à luz, tentando fazer contato com a luz. O que atrai a pessoa para você é o que está além do nível de problemas, aquilo que claramente tem relação com as suas qualidades. Ao trabalhar com uma pessoa, o contato que temos com as nossas qualidades se relaciona com o contato que esta pessoa está tentando estabelecer com as suas próprias qualidades. Este é o início, é quando a situação de *healing* pode começar. Aqui, as áreas em que somos deficientes não importam, porque alcançamos o nível das qualidades; talvez não totalmente no nível da consciência. Neste ponto, é o nível onde você está ativo e onde está ocorrendo a atração da outra pessoa por você. Mas é bom lembrar o que eu disse sobre o desenvolvimento: o contato verdadeiro com essa área não contempla aspectos egoístas ou egóicos.

Falamos de 'healer' e 'paciente', e isso vale no nível físico, mas numa abordagem mais profunda, a verdade é que todos somos um só. Estamos todos tentando nos fundir nesse 'ser um'¹⁴. Quando a qualidade de duas pessoas se mescla, elas entram nesse estado de 'ser um'. Se permitirmos que os problemas subjacentes apareçam, estaremos impedindo que esse estado de 'ser um' possa operar.

Você experimenta o contato com as suas qualidades como um tipo de equilíbrio?

Sem dúvida. Nós temos uma prática chamada "Prática da Manifestação". Ela pode ajudar muito na integração com as nossas qualidades. Ao atingir esse equilíbrio, não nos ocupamos mais o que está abaixo desse plano, sejam problemas ou complicações emocionais. Isso permite que ocorra um fluxo que, por si só, constitui uma atração para outras pessoas. Esta prática, falando por mim, eu a usaria todos os dias, porque ela me instrumenta para ser mais claro e para não sofrer interferência das emoções e dos ruídos exteriores.

¹⁴N.T.: em inglês = at-one-ment

Você diria que o *healing* é um contato magnético?

Pode ser magnético num nível próximo ao físico. Nesse sentido, a atração é uma conexão magnética. Mas para realmente ajudarmos a pessoa, a conexão tem que ir além, para a área das qualidades.

E isto não é magnético?

Não. O campo magnético está relacionado com o que existe entre os níveis da mente, do astral, do etérico e do físico, que são níveis de polaridade. Aí sim, você pode estar num campo magnético.

Então a espiritualidade é diferente?

A espiritualidade é uma combinação de todos estes níveis, que nos leva para algo diferente, que se move para além da polaridade em direção às nossas qualidades. Nossas qualidades não são polares.

Ao tentarmos focar no indivíduo e no esforço para entender mais sobre o que se passa de um fato no *healing*, vem a pergunta: existe uma atração entre os nossos problemas e as nossas qualidades?

Minha questão é: a pessoa que estiver honestamente confrontando seus problemas estará, conseqüentemente, ativando as suas qualidades? Ou pelo contrário: uma pessoa que está se abrindo para a suas qualidades está trazendo à tona os seus problemas? Existe um ponto de encontro, por assim dizer, entre o nível dos problemas e o nível das qualidades, e é aí que o *healing* opera? *Healing* é o mesmo que abrir mão de um problema e tomar consciência disso no momento exato em que acontece? O *healing* pode acontecer sem nos darmos conta?

Os problemas existem porque, muitas vezes, não compreendemos ou não temos os meios para compreender a nós mesmos ou a nossa conexão com outras pessoas. No que diz respeito aos problemas, estamos essencialmente nos defrontando com medos porque, na minha experiência, pode-se encontrar a origem de todos os problemas numa estrutura de medo. É por isso que eu dou ênfase aos quatro medos coletivos; eles personificam muito do que é contido pela pessoa no seu interior e que tem a ver com os aspectos da não aceitação de si mesmo. Este não se aceitar pode levar a pessoa a fazer coisas sem se dar conta, sem saber o porquê.

Tomemos o exemplo de um homem tentando ter contato sexual com uma mulher. Como já dissemos, a sexualidade tem muita relação com os nossos medos. Vemos homens com medo das mulheres e o mesmo acontecendo com elas. Este homem, o do nosso exemplo, pode ter uma ejaculação, mas talvez ela ocorra dentro de uma estrutura de medo, que não permite que ele encontre a mescla necessária para produzir a força do contato entre ele e sua parceira. O problema dele está, portanto, afetando a sua condição de usar as qualidades.

Tal situação sugere que há problemas que devem ser detectados, confrontados e trabalhados. Isto não quer dizer que a pessoa tenha que trabalhar todas as regressões de sua vida. Em muitos casos, eu não vejo essa necessidade. É claro que trabalhar com regressão pode ajudar, mas o fato é que repetimos sempre muitos desses problemas que vêm de uma fase remota de nossas vidas. Não podemos trabalhar com problemas no nível dos problemas. Aqui está a relevância da relação com as nossas qualidades e o *healing*. Se uma pessoa é capaz de ser dar conta do problema que ela está repetindo, e se ela tem os meios de ter contato com as suas qualidades, talvez com a ajuda do *healing* orientado por outra pessoa, a sua atitude em relação ao problema possa mudar. Esta mudança de atitude pode trazer a energia derivada das qualidades para o problema, e isso pode levar à sua dissolução. Também podemos dizer que, ao se dar conta de que foi sua própria atitude que criou o problema, a pessoa se torne mais aberta para as suas qualidades. Esta é a forma como eu vejo a conexão entre problemas e qualidades.

Esta é a estrutura paralela, sem a qual os problemas não podem ser resolvidos. Se tentarmos encontrar uma conexão com as nossas qualidades, temos que confrontar os obstáculos que ficam no nosso caminho. Ao chegar ao ponto em que nos damos conta de que somos os responsáveis pelos nossos problemas, temos as condições para operar a mudança. Esta mudança nos abre de novo para as nossas qualidades. Instala-se um estado de progressão e, nesse estado, outros problemas podem também ser trabalhados.

Como mencionei lá no começo, na minha experiência, todos os problemas remetem aos quatro medos coletivos. Eles se tornam evidentes na estrutura de polaridade entre as pessoas no dia-a-dia. Pode-se dizer que 'o medo é a incapacidade de cumprir as solicitações diárias'. Mas se verificarmos mais a fundo, perceberemos que voltamos sempre para um ou mais desses medos básicos: o medo da morte, o medo da sexualidade, o medo da doença física e o medo da doença mental. Quando tentamos ajudar alguém, é claro que não se pode meramente confrontá-la com o medo arraigado nela. Mas se ela puder chegar ao ponto de reconhecimento, conforme descrevemos, e assim mudar a sua atitude, ela estará abrindo a possibilidade de ter uma conexão mais profunda consigo mesma, e de autoaceitação também.

Considerando tudo isso no contexto dos relacionamentos, como você vê a possibilidade de mudança ou desenvolvimento entre os parceiros?

É muito importante perceber que os problemas dentro de um relacionamento não têm só um lado. Não importa o quão 'mau' um parceiro aparente ser, o problema nunca se restringe a uma pessoa. Existe sempre um ponto de convergência. Um problema de um dos lados se encontra com um problema do outro lado. São as atitudes de ambos que precisam ser vistas juntas, que precisam de mudança, de modo a permitir que as qualidades dos dois

possam emergir nesta área específica. Pode ser que um dos parceiros tenha um temor em relação ao outro em alguma área, e o outro esteja reagindo a esse medo. Até que isto seja totalmente reconhecido, o problema não vai ser solucionado.

Um relacionamento é exatamente isso. Vale lembrar o que dissemos sobre ‘opostos complementares’ e ‘opostos em oposição’. Problemas são manifestações de *opostos que se opõem*. Um relacionamento que pode operar a mudança do polo da *oposição* para o da *complementaridade* permite que ocorra uma combinação de atividades que leva à aceitação de ambos os lados. Isto não quer dizer que as pessoas estejam se submetendo uma à outra. O que acontece é que um aceita o ponto de vista do outro. Se os dois se aprofundarem nas razões válidas que sustentam sua posição, isso os remeterá de volta à base do relacionamento. Se esta base está conectada com as qualidades de ambos – o que para mim sempre se apresenta no chakra da tireóide e no seu contato com o nível da expressão –, então, o transtorno que ocorreu produzirá mudança. Depois de trabalhar assim com o problema, o caráter da *oposição* pode ser transformado e o problema irá se dissolver. Para mim, crescer num relacionamento é isso, é encontrar cada vez mais uma maneira de combinar as qualidades para permitir que os sentimentos aflorem.

Neste ponto, quero voltar à questão da sexualidade, porque ela tem papel importante no relacionamento. A sexualidade implica em intimidade, ou deveria, não apenas a intimidade física, mas também a intimidade de compartilhar o silêncio. O silêncio permite que haja uma combinação das estruturas das auras, abrindo espaço para que as qualidades operem entre as duas pessoas, permitindo a integração das qualidades de ambos ao longo dos diferentes níveis até chegar ao plano físico.

Então, quando houver dificuldades – que eu vejo acontecer frequentemente quando há teimosia de um ou dos dois parceiros, devido a algum medo existente – e se forem capazes de encontrar este silêncio, esta quietude juntos, a mescla de intimidade permitirá que as qualidades penetrem nessa teimosia ou nesse medo, sem que seja dita uma palavra. Eu posso transpor isso para a meditação. Acho que podemos dizer que, numa relação, nada é mais poderoso do que a meditação, porque ela dá àquelas duas pessoas os meios de encontrar a quietude. Como eu já disse, não podemos descrever a quietude, mas se existir uma profundidade de sentimentos entre duas pessoas, então essa quietude é um agente de *healing* bastante eficaz, e pode ser transmitido para outras pessoas, com as quais elas estejam trabalhando ou em contato. Para mim, um relacionamento pode ser tremendamente valioso quando tiver o propósito do *healing*. Se duas pessoas têm esta sintonia, problemas que eventualmente existam não precisam de forma alguma representar uma interferência.

Você às vezes fala sobre energia do *healing* ou cor de *healing*. O que é isso? Um tipo especial de energia, uma combinação, uma situação?

Em primeiro lugar, é uma atividade se apresentando como uma combinação dentro da pessoa. Eu insisto: isso tem a ver com o que estávamos falando agora sobre a conexão e a interação entre os problemas e as qualidades.

Quando falamos de cor – lembre-se que todas as cores são vibrações. Tomemos o verde, por exemplo. Para mim, o verde é a cor do desenvolvimento pessoal, porque ele nos

remete sempre ao processo interno da pessoa e também porque é a cor do chakra do coração. O verde é bastante importante no *healing*, em parte devido à sua capacidade de combinar com o azul. O azul é uma cor que pacifica e tem uma força tremenda. É uma cor que reflete, não as emoções, mas a área da força. Só vemos o azul refletindo emoções quando existe supressão, como quando uma pessoa faz uso dos pensamentos para reprimir suas emoções. Em tais situações, pode-se ver o azul na aura, na parte inferior do corpo.

Quando se estabelece uma combinação do azul com o verde, temos duas cores que sugerem um processo de desenvolvimento da pessoa no sentido de fazer uso da calma ou paz dentro de si. Nós temos utilizado essa combinação nos grupos – que é a cor turquesa e que tem características muito fortes de *healing*. Quando uma pessoa atinge essa combinação dentro de si mesma, isso é o que ela pode usar com outras pessoas.

Mas há algo sobre o verde que se apresenta como uma das sutilezas da vibração: é comum a gente ver o verde na aura relacionada à doença. Em situações de câncer, por exemplo, temos o verde; na artrite também, e também ligada às emoções muito fortes como a agressão ou o ciúme, que são muito estressantes.

Podemos ter o verde sugerindo um estado de progressão interior, por exemplo, indo para o azul no processo de *healing*. E podemos ter o verde sugerindo o oposto, quando a pessoa está fazendo uso crescente do seu eu emocional. Este eu emocional produzirá, ou já produziu, a doença no plano físico. A doença física, a meu ver, acontece quando a pessoa fica querendo muito para si mesma, numa atitude egoísta, ou quando ela está fazendo alguma coisa para si mesma que não é produtiva, como encobrir o medo com a raiva.

Todas essas situações mostram o verde, mas a sutileza é que ele pode ter nuances variadas. Eu gostaria de ter mais tempo para me aprofundar, porque tudo isso torna o verde uma cor tão interessante para mim. Aí está essa cor, tão relacionada com a natureza e, portanto, com todo o vigor da vida. Contudo, este mesmo verde, que pode refletir um lado produtivo, também pode sugerir um lado destrutivo. Talvez isso queira dizer que, se uma pessoa tem muito ódio dentro de si e tem condições de reconhecer os motivos desse ódio e os recursos para se mover um pouco que seja, esse ódio poderia se transformar em amor e o tom do verde acompanharia essa mudança. Eu sugiro isto porque, muitas vezes, a mudança dentro da pessoa não precisa ser grande. É frequente a gente ver que a atitude da pessoa ficou paralisada numa direção, porque ela não teve os recursos para mudá-la ou ver outra alternativa.

Resumindo, posso dizer que é muito bom trabalhar com as cores – elas proporcionam mais uma dimensão ao trabalho do *healing*. Cor é vibração, e vibração também é som, e o som, na verdade, surge antes da cor. Assim abre-se toda uma área do som, que certamente pode ser muito útil quando queremos fazer uma mudança.

Olhando para a história do *healing* na nossa cultura, sabemos que Jesus trabalhou com ele. Como você vê o que foi desenvolvido a partir do que ele trouxe? Como será que o *healing* vai progredir daqui para a frente?

Se tomarmos Jesus como exemplo, vemos que ele ensinou seus discípulos. Eles, por sua vez, disseminaram o que aprenderam e trabalharam com *healing*. Mas nos manuscritos da época, não há descrição do mecanismo do *healing*, e nada foi escrito sobre energia. Tudo no cristianismo se baseou na estrutura da fé, sem que tenha havido espaço para o aspecto educacional. É a didática que precisa ser disseminada hoje, para permitir que as pessoas conheçam os mecanismos pelos quais as leis usadas por Jesus operavam.

Você não acha, Bob, que esse aspecto didático não poderia ter emergido naquela época? Quero dizer, tudo leva um tempo, e talvez fosse algo que só pudesse surgir mais tarde.

Pode ser. Porque se uma pessoa não sente dentro de si o que está fazendo, ela está numa conexão muito diferente com a energia, apegada por completo ao seu ego psíquico. Nas situações em que as pessoas usam a energia, mas não colocam nisso os seus sentimentos, podemos dizer que se trata de caminhos do lado esquerdo, ou da magia negra. Nada foi escrito sobre a mecânica do *healing*, nem na Bíblia, nem nos manuscritos essênios, de quem se sabe que Jesus recebeu sua educação. Isso nos faz pensar, é algo que tem que continuar numa tradição oral, algo que tem que ser ensinado no contato de pessoa para pessoa?

Você acha que as pessoas estão mais preparadas do que no passado para falar abertamente sobre essas coisas?

Eu acho, porque isso é o que estamos vivenciando. Existe oposição, como já falamos, mas ao mesmo tempo, é bom não se prender a isso. É uma bobagem, mas o fato é que, embora tenha sido Cristo quem chamou a atenção para o *healing*, existe muita oposição dentro da Igreja cristã. A Igreja ficou parada no tempo e não desempenhou o papel devido no desenvolvimento da humanidade. É por isso que a liderança, nesse campo, está vindo de fora dela. É o que vemos acontecer hoje. Se eu me lembro bem, C.G. Jung diz na sua autobiografia que, para ele, o cristianismo é a religião para o mundo ocidental, mas ela precisa mudar. E eu concordo plenamente.

O que é muito interessante no mundo de hoje é que estamos assistindo, com nossos próprios olhos, o desenrolar de quase tudo que já aconteceu na história e na evolução humana, aqui e agora. Podemos ver tudo, da idade da pedra aos satélites se movendo no espaço, passando por grupos de altíssimo nível de educação. E temos diante de nós todo o leque de emoções de todos os séculos. É fantástico.

Voltando à didática do *healing*, você mencionou Jesus e o conhecimento que ele provavelmente recebeu dos essênios. É essa a fonte a que você se conecta?

Como você vê o desenrolar do seu trabalho?

Essa sim é uma fonte importante pra mim. Vejo o meu trabalho como tendo atravessado três fases. Cada uma delas propiciou a iniciação de um grupo de pessoas. Durante alguns anos, tivemos duas séries principais de workshops, 'Novas Dimensões' e 'Healing'. A diferença entre elas pode ser considerada como a distinção entre aspectos mais filosóficos e aspectos mais focados no *healing*. As pessoas interessadas nos aspectos filosóficos vinham fazer 'Novas Dimensões', enquanto que as pessoas mais atraídas para o aprendizado do *healing* faziam 'Healing', e havia quem fizesse os dois workshops. Dentro de cada série, tínhamos três estágios, ligados à sabedoria tibetana, egípcia e cristã. A sabedoria tibetana se refere à disciplina, a egípcia à precisão e a cristã se refere ao amor. Esses três estágios precisam se juntar para criar uma realidade. Se você não tem disciplina naquilo que está fazendo, e se você faz sem ter precisão, não será capaz de alcançar o amor. Assim, temos três fatores ligados às três iniciações que mencionei. Se tivermos os três fatores combinados, isso nos leva a uma quarta área de operação, que acontece nos 'Grupos de Síntese'.

Porém, é preciso atentar para as sutilezas em tudo isso. Eu não acho que todo mundo tem que passar pelo que muitos passaram em todos estes anos com os workshops de 'Novas Dimensões' e 'Healing'. Aqueles que fizeram esses cursos ou workshops preencheram suas auras com o que absorveram e, mesmo sem falar a respeito, compartilharam tudo isso com outras pessoas. Isso ajudou no progresso de outras pessoas, e o que eu vejo é que as pessoas começando hoje estão num lugar muito diferente daqueles que começaram dez anos atrás. É preciso levar em conta o progresso obtido até agora, e nos relacionarmos com as pessoas no nível do progresso em que ele se encontra agora. Quanto mais continuarmos, maior é a atração que haverá para as pessoas que têm muito conhecimento ainda por revelar dentro delas. Estamos vivendo um grande movimento de atração, onde muito trabalho é feito pelo exemplo, ligado à influência daquilo que as pessoas têm nas suas auras. Assim, eu vejo meu trabalho cada vez mais como o de tentar dar às pessoas uma estrutura, para que elas sejam capazes de ampliar o potencial que existe dentro delas. Como eu disse recentemente num grupo, não estou ensinando nada novo. Tudo está aí.

Isso nos leva à pergunta sobre o seu método de ensino. Você faz uso de conversas, meditação, exercícios. Você dá exercícios, e você faz exercícios?

Sim.

Acha que esta é a maneira como deve continuar ensinando?

Acho que, por enquanto, esta é a forma. Mas eu não acho que vai ser sempre esta.

Ok, mas vamos falar de como é agora.

Eu acredito que, por ora, esta é a melhor maneira, visto que as pessoas precisam aprender a ser disciplinadas e precisas com elas mesmas. Só então elas poderão entender o que é o amor. Sem a conexão interior com a disciplina e a precisão, o amor vai permanecer sendo uma coisa vaga, de dois mil anos atrás, e essa não é, de forma alguma, a realidade.

As pessoas precisam aprender a se dar valor, fazendo uso de sua disciplina e chegando a compreender quem elas são realmente. Não o que outros tentaram fazer com que elas fossem, mas o que elas realmente são dentro delas. É claro que para isso elas terão que fazer uso do conhecimento que puderam estruturar dentro de si.

É um processo de abertura. Se o seu conhecimento foi trancafiado por força de autoridades externas ao longo de muitas vidas, e você conseguir aprender a abri-lo, é claro que será capaz de fazer uso daquilo que já está ao seu alcance. Você pode usar o conhecimento que existe na sua própria individualidade. E isso é exatamente o que as pessoas estão buscando como exemplo, e se torna uma força de atração para outras pessoas. A lei da atração opera o tempo todo, e ela trabalha com mais precisão através do exemplo. Se você se tornar um exemplo, estará sempre em contato com o que há de mais profundo em você, e isto é o que você dará a outras pessoas. É assim que eu vejo o movimento ou crescimento, também no que se refere ao processo de ensinar.